

O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DIANTE DOS ALUNOS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

THE TEACHER'S ROLE IN THE TEACHING PROCESS LEARNING BEFORE THE SEXUAL ABUSE VICTIMS

Yasmim Cardoso de Oliveira,
Cláudia Pinheiro Nascimento

RESUMO

Este artigo tem como objetivo de identificar o papel do professor enquanto mediador do processo ensino aprendizagem diante de alunos que sofreram abuso sexual. Em um primeiro momento haverá um entendimento sobre o assunto, e posteriormente, com relatos de profissionais da educação que já passaram por esse tipo de situação, poder enxergar formas de intervenção para ajudar as vítimas de abuso. Este trabalho foi realizado com doze professoras de seis colégios diferentes em Taguatinga-DF, as quais já tiveram experiência com alunos abusados sexualmente. Com a análise dos dados foi possível observar como a teoria se aplica na prática e se é aplicado o que é proposto pelos autores. Nota-se que a maioria das professoras descobriu que o aluno estava sendo abusado através de evidências que o mesmo possuía em decorrência do abuso sexual, principalmente pelas dificuldades na aprendizagem. Na maioria dos casos a escola ajudou facilitando o processo tomando as devidas providências, mas nem todas comunicaram o Conselho Tutelar ou delegacia de polícia, principalmente em casos em que o agressor era algum membro da família. Em contrapartida, em grande parte dos casos, a intervenção da escola trouxe resultados positivos para o aluno, tendo a família como agente facilitador.

Palavras-Chave: Abuso sexual; Criança; Aluno; Papel; Professor.

ABSTRACT

This is article with the objective of identifying the teacher's paper while mediator of the teaching-learning process with students that suffered sexual abuse. In a first moment there will be understanding the subject, and the professionals' of the education reports to see intervention forms to help the abuse victims. This work was accomplished with twelve teachers of six different schools in Taguatinga-DF, which already had experience with students with sexual abused. With the analysis of the data it will be possible to observe how the theory is applied in practice and if it is applied in the same way that is proposed by the authors. It is noticed that most of the teachers discovered that the student was being abused through evidences that the same way to the sexual abuse, mainly for the difficulties in the learning. In most of the cases the school helped facilitating the process taking the due providences, but nor all communicated Child Protective Service or Police Station, mainly in cases in that the aggressor was some member of the family. By the way, in a large part of the cases, the intervention of the school brought positive results for the student, with the family as facilitative agent.

Keywords: Sexual abuse; Child; Student; Paper; Teacher.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que objetivou analisar o abuso sexual na infância, do ponto de vista acadêmico, que é um assunto que já está se tornando cada vez mais comum. Ele traz consequências negativas para a criança no meio acadêmico. Muitas vezes o professor não imagina que certa dificuldade que o aluno tem em aprender se trata de um abuso sexual. Mas, quando o professor sabe identificar os sintomas que isso pode gerar, ele investiga estratégias que podem diminuir o sofrimento da criança e interferir até onde lhe é devido para mudar tal quadro. Logo, este presente trabalho, tem como propósito ajudar todos os professores, nos quais estão sujeitos a passar por esse tipo de situação, a agir de forma adequada.

Esta pesquisa por tema "O papel do professor no processo ensino aprendizagem diante dos alunos vítimas de abuso sexual" foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica, pois alguns autores tiveram participação fundamental neste trabalho, através de artigos, livros e publicações. Mas, para haver uma observação de experiências, coleta de dados, análise e esclarecimento de fatos, também é fundamental que seja realizada uma pesquisa de campo. A prática da pesquisa de campo se baseia em ouvir experiências de profissionais da educação que já conviveram alunos que sofreram abuso, questionando esses fatos como forma de facilitar esse processo e para que haja também, uma maior aquisição de detalhes.

Qual o papel do professor no processo ensino aprendizagem diante dos alunos vítimas de abuso sexual? Através de autores como, Benedito Rodrigues dos Santos (2011), Christiane Sanderson (2005) e Lauro Monteiro Filho (2002) foi possível responder essa questão.

Para isso, foi de extrema relevância investigar a partir de pressupostos teóricos, o entendimento do abuso sexual na infância, bem como as consequências na vida da criança; identificar as estratégias oferecidas na literatura para minimizar o sofrimento da criança que sofre abuso sexual; entendendo o papel do professor enquanto mediador do processo ensino aprendizagem diante de alunos que sofreram abuso sexual. Esses objetivos ajudarão na investigação do problema.

CONCEITUANDO ABUSO SEXUAL

De acordo com Monteiro Filho (2002), o abuso sexual é quando um adulto ou adolescente mais velho usa uma criança ou adolescente para satisfazer seus desejos sexuais, manipulando a criança a fazer o que o abusador quer. Podem incluir o ato sexual com penetração ou não, com violência física ou não, mas geralmente não ocorre violência física.

A criança pode ser violentada tanto por pessoas que não fazem parte do seu ciclo familiar, quanto por pessoas da própria família, transformando essas relações em algo totalmente deturpado. Quando ocorre dentro da família, é muito mais difícil haver qualquer notificação, na maior parte dos casos o abusador é alguém que a criança confia, e quando é alguém que possui algum cargo de autoridade na sociedade, como: policial, advogado ou até mesmo um político, torna-se tudo ainda mais devastador, porque a criança fica com medo de denunciar e a justiça não alcançar o abusador.

TIPOS DE ABUSO SEXUAL E FORMAS DE OCORRÊNCIA

Para melhor compreensão, é importante entender especificamente os tipos de abuso sexual que existem bem como as formas que podem ocorrer. Há cinco tipos de abusos e duas maneiras de ocorrência (SANTOS, 2011).

Conforme Santos (2011), o primeiro tipo de abuso é o abuso sexual intrafamiliar, que é aquele que ocorre dentro da família, seja pelos pais, parentes ou qualquer responsável legal, este para ressaltar que pode ser pela família biológica ou adotiva também. O segundo é o abuso sexual intrarrede social, que é quando o abusador é um vizinho, amigo ou conhecido da família. O terceiro é o abuso sexual extrafamiliar, esse tipo de abuso ocorre por alguém que cuida da criança ou que frequenta seus espaços de socialização, como: professores, pessoas que são responsáveis pelo seu lazer (professor de natação, balé, capoeira etc.), cursos extracurriculares, médicos, psicólogos, psicanalistas e líderes religiosos. O quarto é o abuso sexual extrafamiliar, que é feito por desconhecidos. O quinto e último tipo de abuso é o abuso sexual institucional, que ocorre por pessoas que possuem a guarda temporária da criança por instituições governamentais e não governamentais.

As duas formas de ocorrência do abuso sexual são: sem contato físico e com contato físico. O abuso sexual sem contato físico está relacionado a várias vertentes, está associado a chantagens e ameaças a fim de obter uma relação sexual; conversas sobre sexo, querendo despertar na criança algo que ela ainda não tem maturidade em conhecer; o ato exibicionista, que é onde o abusador mostra seus órgãos genitais ou até mesmo se masturba para a criança; o voyeurismo, que é o ato de fixar o olhar para os órgãos genitais da criança, e o seu nível mais preocupante é quando leva a criança a tirar a roupa ou se masturbar na sua frente; além da pornografia, onde mostra para a criança fotos, vídeos, ou qualquer outro tipo de material pornográfico (SANTOS, 2011).

O segundo e último, o abuso sexual com contato físico, pode ser com ou sem penetração. Com penetração envolve tanto na parte vaginal, quanto anal, sem penetração envolve toques nos órgãos genitais, que também entra a masturbação, penetração com dedos ou objetos e sexo oral (SANTOS, 2011).

Vale destacar que o abuso sexual não acontece necessariamente entre duas pessoas, a criança e o autor, pode ocorrer também em grupo ou durante um ritual (SANTOS, 2011).

CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DA CRIANÇA VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL

O abuso sexual traz consequências na vida da criança que podem perdurar por toda a vida. O abuso pode prejudicar não só a área psíquica da criança, como também trazer prejuízos na sua vida acadêmica, ou seja, nos aspectos cognitivos. Sendo que o cognitivo está relacionado à percepção, atenção e associação, fatores fundamentais no processo ensino aprendizagem.

O transtorno psicológico que é o mais associado ao abuso sexual infantil é o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), segundo Garbarino, Kostelny, Dubrow (1991), o trauma é uma desorientação no estado psíquico do indivíduo que está ligado ao medo, tanto agudo quanto crônico.

Com o desenvolvimento do TEPT na vida de algumas crianças abusadas sexualmente (pois nem todas obrigatoriamente desenvolvem esse transtorno e as outras consequências abordadas nesse capítulo), os sistemas neurais ficam agitados, levando a criança a certo nível de estresse, afetando o pleno

desenvolvimento cognitivo dela, trazendo falhas em sua aprendizagem verbal, memória e atenção.

Conforme Sanderson (2005), outra consequência do abuso sexual na criança, é que a sua percepção de mundo é distorcida, confundindo a criança de qual comportamento é certo e qual é errado, com relação a adultos e crianças. Isso facilita muito para o abusador, pois a criança se sente culpada, pensando que ela seria capaz de fazer algo para impedir ou pelo corpo ter respondido ao abuso, ter sentido prazer com isso. Logo, quanto mais nova é a criança, mais fácil de manipular, para isso, é preciso saber em qual estágio de desenvolvimento cognitivo a criança está, para que possa ser feito um trabalho em seu físico e emoções.

Com essa distorção da realidade, muitas crianças acham que sexo entre adultos e crianças é normal, já que não sabem nada a respeito ainda. E se isso não for tratado, pode levar uma criança abusada quando adulta a fazer a mesma coisa futuramente (MC CLOSKEY E BAILEY, 2000).

A criança também se sente mal pelo fato de não ter controle sobre a situação do abuso, criando assim um mundo de fantasias, longe de toda a perturbação da realidade que lhe espera. Logo, uma das consequências bem visíveis na escola, é a dificuldade em se concentrar e desinteresse pela aula. Já que a criança está imaginando outra vida, sonhando acordada (SANDERSON, 2005).

O fato anterior leva muitos professores a acharem que esse desinteresse é um desinteresse sem motivo aparente, ou por preguiça, ou pela criança querer fazer apenas o que quer, afetando também a confiança dessas crianças, por não ter ninguém que acredite em seu potencial.

Mas pode ocorrer totalmente o contrário também, a criança pode se mostrar excelente em qualquer assunto escolar, tirar notas boas e ser brilhante nesse meio acadêmico, por achar que a escola é um refúgio de tudo o que passa, então ela foca toda sua energia nisso. Crianças abusadas, em sua grande parte, conseguem ser mais maduras em alguns sentidos comparadas as outras, como: conseguir traçar estratégias e planos, tomadas rápidas de decisão e de fuga, elas aguçam esses sentidos a fim de escapar de um possível abuso. Portanto, é possível observar que existem dois extremos (SANDERSON, 2005).

Ocorre também a supergeneralização, onde a criança acha que sempre há uma segunda intenção para com ela, ou se ela é abusada por homem, acha que todos os homens são assim, todos vão querer abusar dela também, tornando difícil criar um relacionamento significativo de confiança.

O abuso sexual também abaixa a autoestima da criança, pois ela se vê como um ser patético e inútil por deixar algo como o abuso sexual acontecer com ela e não fazer nada para impedir. E por mais que ela faça algo de positivo, ela não enxerga mérito dela em cima disso, usa desculpas como "Se eu tirei 10 nessa prova, foi porque o professor sentiu pena de mim".

Outra consequência do abuso é a criança tentar alcançar altas expectativas que ela cria em cima de si mesma, a fim de tentar minimizar o mal que sentem, tornando algumas dessas crianças extremamente detalhistas e perfeccionistas.

Segundo Santos (2011), também existem outras consequências que são bem visíveis em um aluno vítima de abuso sexual, entre elas: Exagero na pontualidade e assiduidade, faz de tudo para chegar cedo e sair tarde da escola, demonstra não ter vontade nenhuma de voltar para casa (pois em casa possivelmente estará sujeita a outro abuso); Frequentes quedas sem justificativas

na escola; E aparecimento de objetos que estão fora da realidade financeira da família, pois o abusador pode tentar “comprar” a criança com algum presente para um possível abuso. Se for observado isso em mais de um aluno, que não precisa ser necessariamente da mesma sala, pode indicar a existência de um pedófilo na cidade também.

Conforme o Ministério da Saúde (2018) há mudanças no comportamento que também comprometem o desempenho acadêmico da criança, como: Comportamentos infantis que já haviam sido amadurecidos; Silêncio na maior parte do tempo, a fim de manter em segredo o abuso; Sono desregulado; Aparência descuidada, a fim de não chamar atenção de ninguém; Brincadeiras de cunho sexual, usando palavras ou ilustrações que venham a se referir às partes íntimas; Marcas de agressão e problemas de saúde sem um diagnóstico clínico aparente, (dor de cabeça, erupções na pele, vômitos e dificuldade em digerir alimentos) nos quais ocorrem devido aos problemas psicológicos e emocionais decorrentes do abuso; Além de negligência, quando uma criança não é muito bem cuidada pela família, não possui muita atenção, pois isso facilita todo o processo do abuso para o abusador.

Portanto, quando uma criança conta sobre o abuso sexual que vem sofrendo, ela se encontra em um conflito enorme dentro de si mesma até chegar a esse ponto, e nunca será culpada por isso, não importa como tenha reagido. E isso não quer dizer que ela é uma criança ruim, pelo fato de ter sofrido abuso, a criança precisa sim ser tratada, de todo e qualquer trauma que possa ter ficado em sua vida.

ESTRÁTEGIAS PARA MINIMIZAR O ABUSO SEXUAL

De acordo com Santos (2011), diante de tamanho risco que uma criança fica exposta para sofrer algum tipo de abuso sexual, foram criadas estratégias a fim de minimizar esse risco.

Um deles é criar cursos de capacitação obrigatórios para professores e todos os outros envolvidos na rede de educação, a fim de torná-los conhecedores do assunto, fazendo com que eles próprios criem projetos e os tragam para dentro da sala de aula, abordando os conceitos de abuso sexual e outros assuntos que venham a desenvolver uma boa relação com o próprio corpo, sobre cuidar de si mesmo, se amar independente de qualquer coisa. Mas o ideal mesmo seria que a violência sexual em geral fosse tratada na graduação e pós-graduação promovida pelas secretarias de educação, para que os docentes estivessem preparados e inteirados no assunto antes mesmo de lidar com esse tipo de situação.

É de extrema importância que os alunos tenham ciência sobre o que é o abuso sexual como forma de prevenção e ensinar como devem se proteger desde pequenos, trazendo profissionais do ramo para dentro da escola, a fim de dar palestras e treinamentos para esses alunos. Dessa forma, a escola se tornará um ambiente que desenvolve o pensamento crítico do aluno, fazendo com que as diferenças que aparecerem entre as crianças, não sejam maiores que o acolhimento, o bom relacionamento com aquela criança que é mais isolada, mais tímida, personalidade de quem pode sofrer algum tipo de abuso sexual, pois é algo que fere a auto estima também. Isso minimizará não só o abuso sexual, como também o *bullying* na escola. Logo, esses alunos serão capazes de iniciar e manter relacionamentos sociais significativos e consistentes.

A família tem um papel fundamental nesse processo, para isso, é preciso trabalhar com os responsáveis pela educação da criança e com a comunidade também. Para colocar em prática projetos propostos com a família, é necessária em primeira instância criar uma relação de confiança com ela, até mesmo para que a escola consiga identificar um suposto agressor no meio familiar.

Esses projetos realizados com a família, com os membros que não se comportaram de maneira imprópria, se dão basicamente em ensinar os pais a ensinar seus filhos a se proteger, mantendo um bom relacionamento com eles, a fim de que os filhos se sintam a vontade para se abrir, estando disponível para ouvi-los e não desconfiando daquilo que eles estão contando sobre o abuso sexual, até porque as crianças não costumam mentir com relação a esse assunto, e ajudando esses pais quando eles precisarem se ausentar, pois a maioria dos casos de abuso sexual, ocorrem quando as crianças estão sozinhas.

É necessário promover também palestras para os pais, ou oficinas tratando de conceitos do que é ou não abuso sexual, mitos e verdades sobre o tema, causas e consequências, pornografia e pedofilia na Internet e as consequências legais para quem comete o abuso sexual.

O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DE ALUNOS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

O professor tem um papel fundamental no tratamento da criança vítima de abuso sexual, e para isso, ele precisa entender sobre o assunto, principalmente para que não confunda um sintoma com outro (até para que não aponte uma pessoa inocente), e ajude no desenvolvimento acadêmico do aluno utilizando outras estratégias que facilitem seu processo de ensino aprendizagem.

Para que não ocorra um julgamento errado, é de grande ajuda a presença de um profissional da saúde, como um psicólogo, por exemplo, dentro da escola, no caso de haver uma suspeita para que o psicólogo juntamente com o professor possam investigar o caso com mais precisão.

Como educador, o professor pode ampliar a sua sala de aula, fazendo com que se torne um lar que uma vítima pode não encontrar quando chega em casa, formando um ambiente confortável, onde a criança se sinta segura e abraçada, criando um relacionamento de confiança, a fim de que ela se sinta livre para falar e expor seus sentimentos.

Por isso, é importante que um professor saiba ouvir e aconselhar da melhor forma possível, e que tenha também conhecimentos sobre o assunto, principalmente sobre os sintomas. Para que ele consiga identificar uma criança que está sendo abusada sexualmente, o professor necessita garantir o respeito entre os alunos na sala de aula, investindo nessa formação de forma que sejam criados códigos de convivência, utilizando estratégias interdisciplinares.

O professor também precisa saber que sua prática docente está inteiramente ligada à pesquisa, a diagnósticos, tanto com relação ao abuso sexual quanto a outros tipos de dificuldade de aprendizagem, e ele necessita consolidar essas duas vertentes (BRINO; WILLIAMS, 2008).

Quando houver uma suspeita de abuso, o professor deve comunicar a direção da escola os indícios que o levaram a crer que determinada criança está sendo abusada, e notificarem sobre o abuso, essa notificação pode ser feita diretamente para o Conselho Tutelar ou uma delegacia de polícia, melhor ainda se for especializada em crianças e adolescentes, para que eles façam análises,

avaliações sobre o possível abuso e tomem as devidas tramitações. Pode ser feita de forma escrita também, por uma ficha padronizada de notificação, mas se não houver, a recomendação é fazer um relatório, que pode ser feita pessoalmente até ao órgão competente, o denunciante pode ir tanto sozinho, quanto acompanhado da criança, ou pode ser solicitado um atendimento do órgão na escola.

Se ao invés de colher sinais para chegar a uma conclusão, uma criança chegar diretamente ao professor e relatar tudo o que está passando, o educador precisa ajudar não “estragando” o relacionamento de confiança construído, para que a criança não sinta que foi traída e não se surpreenda com o que está por vir. Por isso, é importante deixá-la a par das próximas etapas do processo, fazendo com que ela participe das decisões dentro do possível. O relato da criança também precisa ser anotado, para procedimentos legais posteriores, escrevendo todos os detalhes possíveis sem impressões pessoais, caso o professor não se sinta preparado para isso, ele pode solicitar organizações especializadas.

Para a realização desse relatório, o professor precisa tomar alguns cuidados, como: ouvir a vítima em particular, sem interrupções, num ambiente apropriado; falar de assuntos mais neutros antes de entrar no assunto abuso sexual em si; não oferecer prêmios pela conversa; levar a sério tudo o que está sendo dito pela criança, não duvidando da mesma; não usar palavras que venham a sugerir fantasias e jogos (“vamos fazer de conta ou imaginar que...”); se comportar de forma calma e tranquila, sem rodeios; não deixar a ansiedade ou curiosidade pressionar a criança para conseguir informações; não perguntar de forma direta os detalhes do abuso e nem fazer a vítima ficar repetindo várias vezes a mesma história; fazer o mínimo de perguntas possível e não conduzir o relato da criança, é necessário deixá-la abrir mesmo o coração, pois perguntas sugestivas podem invalidar o testemunho da vítima; perguntas fechadas, inquisitórias e aquelas que tornam a criança como sujeito ativo do abuso devem ser evitadas; não pedir que a criança venha associar o abuso com datas comemorativas; deixa a criança o mais a vontade possível, utilizando linguagem simples e clara; olhar para a vítima, mas não o tempo todo; caso tenha dificuldade para ouvir o que está sendo dito, pedir para repetir e não adivinhar ou interpretar o que foi falado, é preciso ter certeza de tudo, para isso, confirme com a criança se você está mesmo entendendo o que está sendo relatado; não ficar fazendo suposições de quem pode ser o agressor; falar que a vítima é vítima e não culpada pelo abuso, deixá-la confiante e tranquila dizendo que está fazendo o certo contando tudo; evitar contato físico no relato; promover carinho, dignidade e respeito a criança; e não fazer promessas que não possa cumprir.

Caso o professor não concorde com a forma com que o Conselho Tutelar está conduzindo o caso, ele pode acompanhar o processo e aconselhar melhores sugestões. Pode ocorrer também da direção da escola não querer assumir a denúncia, nesse caso o professor precisa tomar alguma providência sozinho, comunicando diretamente o Conselho Tutelar ou uma delegacia, até porque ele pode ser cobrado por falta de responsabilidade legalmente (SANTOS, 2011).

ANÁLISE DE DADOS

Segue abaixo as informações sobre as respondentes do questionário deste trabalho, nas quais estão classificadas por P1 a P12, onde o “P” significa “pessoa”:

Respondentes:	Idade:	Formação acadêmica:	Gênero:	Tempo de docência:
P1	48 anos	Graduada em Pedagogia	Feminino	22 anos
P2	45 anos	Graduada em Letras	Feminino	28 anos
P3	42 anos	Graduada em Pedagogia	Feminino	20 anos
P4	41 anos	Pós-graduada	Feminino	14 anos
P5	40 anos	Pós-graduada	Feminino	12 anos
P6	31 anos	Graduada em Pedagogia	Feminino	06 anos
P7	29 anos	Graduada em Pedagogia e Biologia	Feminino	07 anos
P8	27 anos	Graduada em Pedagogia	Feminino	06 anos
P9	23 anos	Graduada em Pedagogia	Feminino	04 anos
P10	23 anos	Graduada em Pedagogia	Feminino	01 ano
P11	21 anos	Graduada em Pedagogia	Feminino	03 anos
P12	20 anos	Graduada em Pedagogia	Feminino	03 anos

Fonte: elaborado pelas autoras a partir da pesquisa de campo, 2019.

Observando esses dados, é possível observar que esta pesquisa foi realizada com professoras com tempo de docência longo e curto, o que confirma o fato de um profissional da educação ter a possibilidade de se deparar com um aluno vítima de abuso sexual em qualquer etapa de sua carreira.

Vejamos no Gráfico 01, as formas de descoberta do abuso sexual: 57% perceberam que a criança estava sendo abusada pelos sintomas que ela apresentava em sala de aula; 29% souberam pelo próprio relato do aluno; 14% souberam pela família.

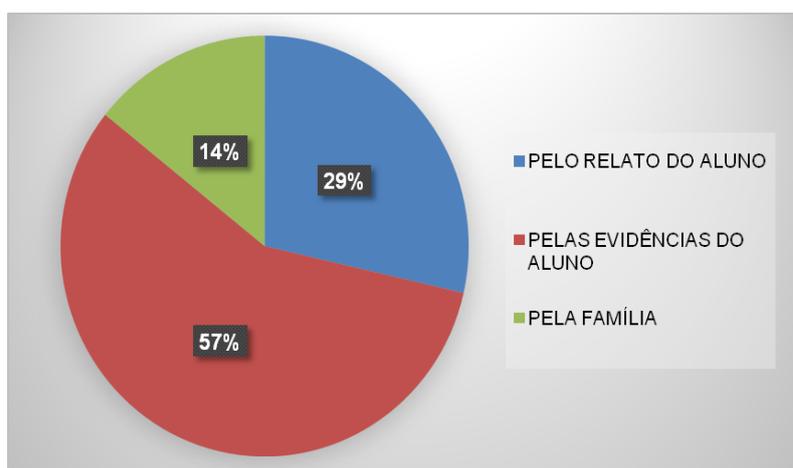


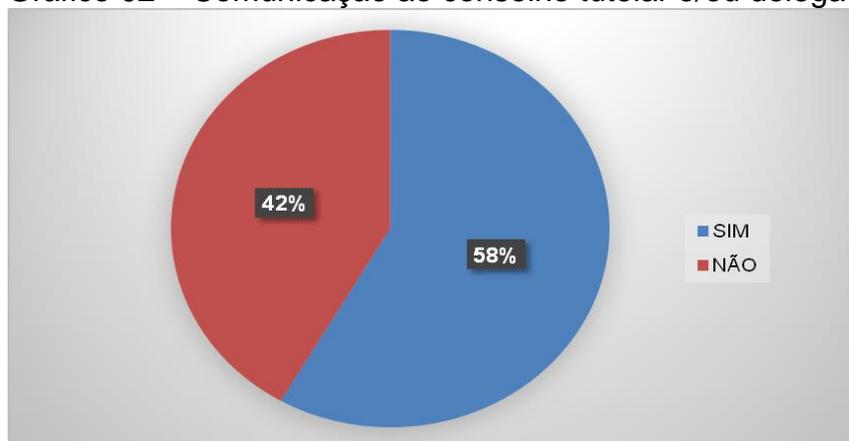
Gráfico 01 – Formas de descoberta do abuso sexual.

Fonte: elaborado pela autora a partir da pesquisa de campo, 2019.

As formas de descoberta do abuso sexual podem ser realizadas de algumas formas, ou pelo relato do aluno, ou pelos sintomas que ele pode apresentar, ou até mesmo pela família. Na aplicação do questionário, algumas professoras relataram que mesmo sabendo um pouco sobre o assunto, foi extremamente difícil e desafiador descobrir que um aluno, no qual elas sentem amor e compaixão, está sendo vítima de abuso sexual, principalmente nos casos em que foi o próprio aluno que se sentiu a vontade para desabafar e contar tudo o que estava sofrendo. E foi mais difícil ainda ter que tomar as devidas providências e ir mais a fundo no caso (SANTOS, 2011).

De acordo com o Gráfico 02, que mostra a comunicação ao conselho tutelar e/ou delegacia de polícia: 58% comunicaram; 42% não comunicaram.

Gráfico 02 – Comunicação ao conselho tutelar e/ou delegacia de polícia.

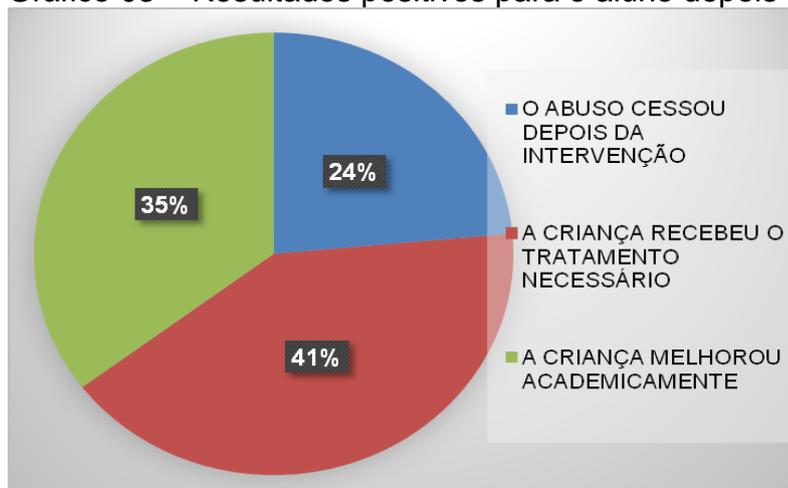


Fonte: elaborado pela autora a partir da pesquisa de campo, 2019.

Uma das providências que devem ser tomadas após a descoberta de um abuso sexual na escola, é comunicar o conselho tutelar ou delegacia de polícia para que eles tomem as devidas tramitações. Aplicando o questionário, uma diretora de uma determinada escola relatou que geralmente as escolas comunicam primeiramente o conselho tutelar e em seguida a delegacia de polícia, e não apenas um ou outro, mas isso ainda acontece. As escolas que não comunicaram foram por três motivos: ou porque a escola ficou receosa, ou porque a própria família já fez isso, ou ainda porque a família optou por “abafar o caso”, visto que o agressor é alguém da família (SANTOS, 2011).

O Gráfico 03 mostra quais resultados positivos são esses: 41% a criança recebeu o tratamento necessário; 35% a criança melhorou academicamente; 24% o abuso cessou depois da intervenção.

Gráfico 03 – Resultados positivos para o aluno depois da intervenção.



Fonte: elaborado pela autora a partir da pesquisa de campo, 2019.

O Gráfico 3 possui uma peculiaridade, pois as crianças que melhoraram academicamente foi uma consequência de ter recebido o tratamento devido.

O professor juntamente com a escola pode ajudar muito um aluno vítima de abuso sexual, e essa intervenção pode trazer resultados positivos que podem mudar para melhor a vida da criança, que são: o abuso cessar dessa investigação, a vítima receber o tratamento necessário e o aluno melhorar academicamente, visto que o abuso sexual pode trazer um péssimo rendimento escolar. Os casos em que não houveram resultados significativos para a vítima, se devem por dois motivos: ou porque a família recusou ajuda, ou porque a escola não quis ajudar (SANTOS, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre tudo o que foi abordado até aqui, os números de abuso sexual no Brasil trouxeram informações curiosas e preocupantes acerca do assunto, principalmente quando na maior parte dos abusos, o agressor é o próprio pai da vítima, o que destrói o relacionamento entre os dois de forma avassaladora. O que traz uma reflexão, no sentido de o ser que devia ser o herói, o refúgio na vida do filho, se torna alguém com quem a criança sente mais medo e repulsa. Como relatado anteriormente, entre 2011 e 2017 houve um aumento de 83% nas notificações gerais de violências sexuais contra crianças e adolescentes, acredita-se que esse aumento se deve pelo fato da informação e do conhecimento sobre esse assunto estar conscientizando mais pessoas a quererem tomar as devidas providências.

Na aplicação do questionário, foi possível observar que o abuso sexual está se tornando um assunto mais comum em sala de aula, mesmo que de forma plausível. Algo que é positivo, pois o professor tem ferramentas poderosas nas mãos, conseguindo trazer novas informações, fazendo o aluno refletir e se abrir. Em contrapartida, apesar da maioria comunicar o Conselho Tutelar e/ou delegacia de polícia sobre a descoberta do abuso, um número preocupante não comunicou, isso se deve ao motivo de, ao conversar com as professoras, nesses casos o agressor era alguém da família e a família optou por não abrir o caso para as devidas tramitações legais. Isso não deveria ocorrer, pois o agressor, se não

tratado ou for realizada qualquer outro tipo de consequência para esse indivíduo, ele possivelmente tende a fazer de novo com outra pessoa.

Foi possível perceber que o abuso sexual traz consequências ruins para a criança, tanto em seus relacionamentos ao seu redor, quanto em sua vida acadêmica. Porém, todos conseguem ajudar nesse processo, reduzindo essas consequências de forma significativa.

Portanto, apesar de ser um tema que está se tornando cada vez mais comum nas escolas, infelizmente, muitos professores não sabem como agir quando se deparam com esse tipo de situação.

REFERÊNCIAS

BRINO, Rachel de Faria; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **Professores Como Agentes de Prevenção do Abuso Sexual Infantil**. 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/3172/317227052014/>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

MCCLOSKEY, L.A., & Bailey, J.A. (2000). **The intergenerational transmission of risk for child sexual abuse**. *Journal of Interpersonal Violence*, 15, 10, 1019-1035.

MONTEIRO FILHO, Lauro. **Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes, Mitos e Realidades**. Rio de Janeiro: Abrapia - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência, 2002.

SANDERSON, Christiane. (2005). **Abuso Sexual em Crianças: Fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais**. (Tradução Frank de Oliveira). São Paulo: M. Books do Brasil Editora.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia Escolar: Rede de Proteção à Infância**. Rio de Janeiro: Eu Também Faço Parte, 2011.